

JOHN GRISHAM

Tempo de matar

Tradução de
Aulyde Soares Rodrigues

Rocco

1

BILLY RAY COBB ERA O MAIS JOVEM e mais baixo dos dois homens brancos. Com vinte e três anos era veterano da Parchman, a penitenciária estadual, tendo cumprido uma pena de três anos. Posses, com intenção de venda. Era um vagabundo magro e rijo que havia sobrevivido à prisão graças a um bom estoque de drogas que ele vendia e às vezes dava para os negros e para os guardas, em troca de proteção. No ano seguinte à sua saída da cadeia, Billy Ray Cobb prosperou e seu pequeno negócio de tráfico de drogas o elevou à posição de um dos mais ricos caipiras brancos de Ford County. Era um homem de negócios com empregados, obrigações, contratos e tudo, menos impostos. Na revendedora Ford de Clanton, ele era conhecido como o último homem na história recente a pagar em dinheiro vivo por uma picape. Dezesesseis mil dólares na ficha por uma picape Ford de luxo, feita sob encomenda, tração nas quatro rodas, amarelo-canário. As rodas cromadas e os pneus faziam parte do acordo de compra. A bandeira rebelde, no vidro traseiro, fora roubada por Cobb de um rapaz bêbado durante uma partida de futebol em Ole Miss. A picape era o objeto mais valioso de Billy Ray. Sentado na traseira da caminhonete, tomando cerveja e fumando um baseado, Billy observava o amigo Willard na sua vez de se divertir com a garotinha negra.

Willard era quatro anos mais velho e dez anos mais burro. De um modo geral era inofensivo, nunca tinha se metido em encrenca séria nem em emprego fixo. Talvez uma noite na cadeia por causa de uma briga ocasional, mas nada importante. Ele se dizia lenhador, cortava madeira para a fábrica de papel até o dia em que um problema na coluna o afastou das florestas. Sofreu um

acidente quando trabalhava numa plataforma marítima, no Golfo, e recebeu uma boa indenização da companhia de petróleo. A grana desapareceu quando sua ex-mulher o deixou completamente limpo. Sua principal ocupação era trabalhar meio expediente para Billy Ray Cobb, que não pagava muito, mas liberava as drogas. Pela primeira vez em muitos anos Willard podia ter sempre alguma coisa. E ele sempre precisava. Isso desde o acidente que prejudicou sua coluna.

A menina tinha dez anos e era pequena para sua idade. Estava deitada sobre os cotovelos amarrados atrás das costas com uma corda amarela de náilon. Tinha as pernas grotescamente abertas, o pé direito amarrado a um pequeno carvalho e o outro à estaca tombada de uma velha cerca. A corda cortava seus tornozelos e o sangue escorria pelas pernas. O rosto estava ensanguentado e inchado, com um dos olhos fechado, com o outro ela via o homem branco sentado na caminhonete. Não olhava para o homem em cima dela. Ele arquejava, suave e praguejava e a estava machucando.

Quando terminou, ele esbofeteou a menina e riu, o outro homem riu também. Depois, às gargalhadas, os dois rolaram na grama ao lado do carro como dois loucos, gritando e rindo. Ela virou o rosto e chorou em silêncio. Eles a haviam espancado antes porque ela gritava e chorava. Disseram que a matariam se não ficasse quieta.

Cansados de rir, os homens saltaram para a parte de trás aberta da picape e Willard se limpou com a camiseta da menina negra, agora encharcada de sangue e de suor. Cobb estendeu a ele uma lata de cerveja gelada, da caixa de isopor, e fez algum comentário sobre a umidade do tempo. Observaram a menina que, depois de fazer alguns sons estranhos e baixos, ficou imóvel. A lata de cerveja de Cobb estava quase vazia e quente, e ele a atirou, acertando o estômago da menina. A espuma branca se espalhou por todo lado e a lata rolou para o chão, ao lado de outras latas vazias saídas da mesma caixa de isopor. Já haviam atirado duas dúzias de latas de cerveja no mesmo alvo, rindo a cada vez que acertavam. Willard não tinha

boa pontaria, mas Cobb era bom. Não costumavam jogar cerveja fora, mas as latas mais pesadas acertavam com maior precisão e era divertido ver a espuma subindo e se espalhando.

A cerveja quente misturada com o sangue escuro escorria pelo rosto e pelo pescoço da menina, formando uma poça sob sua cabeça. Ela não se moveu.

Willard perguntou se Cobb achava que ela estava morta. Abrindo outra lata, Cobb explicou que não estava porque geralmente não era possível matar um crioulo com pontapés, pancadas ou estupro. Era preciso muito mais para se acabar com eles, uma faca, um revólver ou uma corda. Embora nunca tivesse tomado parte nesse tipo de assassinato, na prisão havia muitos negros e Cobb sabia tudo sobre eles. Estavam sempre matando uns aos outros e sempre usavam uma arma. Os que eram só espancados e violentados nunca morriam. Alguns brancos, espancados e violentados, morriam. Mas não os negros. Suas cabeças eram mais duras. Willard ficou satisfeito com a explicação.

Willard perguntou o que ele pretendia fazer, agora que tinham terminado de se divertir com ela. Cobb deu uma tragada no baseado, tomou um gole de cerveja e disse que não tinha terminado ainda. Saltou do carro e cambaleou para a pequena clareira onde a menina estava amarrada. Gritou e praguejou para acordá-la, depois jogou cerveja gelada em seu rosto, rindo como um louco.

Ela o viu dar a volta na árvore à sua direita e depois olhar para o meio das suas pernas abertas. Quando Cobb abaixou a calça, ela virou o rosto para a esquerda e fechou os olhos. Ele a estava machucando outra vez.

A menina olhou para as árvores e viu o vulto de um homem correndo desesperadamente entre as trepadeiras e o mato alto. Era seu pai, gritando, apontando e correndo para salvá-la. A menina gritou por ele e ele desapareceu. Ela tornou a dormir.

Quando acordou, um dos homens estava deitado sob a carroceria e o outro debaixo de uma árvore. Os dois dormiam. Seus braços e pernas estavam dormentes. O sangue, a cerveja e a urina mistura-

dos com a terra formavam uma pasta pegajosa que grudava ao seu corpo e estalava a cada pequeno movimento. Fugir, pensou ela, mas o maior esforço só permitiu um pequeno movimento para a direita. Os pés amarrados estavam tão altos que suas nádegas mal tocavam o solo. Os braços e as pernas dormentes não se moviam.

Ela procurou o pai entre as árvores e o chamou baixinho. Esperou e tornou a dormir.

Quando acordou outra vez, eles estavam de pé, movendo-se ao lado do carro. O mais alto cambaleou para ela com um canivete na mão. Segurou o tornozelo esquerdo da menina e serrou furiosamente a corda. Depois, soltou a perna direita e ela se enrolou na posição fetal, de costas para eles.

Cobb passou o pedaço de corda de náilon por um galho de árvore e fez um laço corrediço na ponta. Segurou a menina, passou o laço pela cabeça dela e caminhou para o outro lado da clareira, com a outra ponta da corda na mão. Sentou na porta da caminhonete, onde Willard fumava um baseado e ria para Cobb, antecipando o que ele iria fazer. Cobb esticou a corda e deu um puxão forte. O corpo pequenino saltou no chão e foi arrastado para debaixo do galho da árvore. Ela engasgou e tossiu, e ele gentilmente afrouxou um pouco a corda para poupá-la por mais alguns minutos. Amarrou a corda no para-choque do carro e abriu outra cerveja.

Os dois ficaram sentados na porta da caminhonete, bebendo, fumando e olhando para ela. Haviam passado quase o dia todo no lago, onde o amigo de Cobb tinha um barco e algumas garotas supostamente fáceis, mas que na verdade eram intocáveis. Cobb fora generoso com suas drogas e sua cerveja, mas as moças não corresponderam. Frustrados, deixaram o lago e seguiram pela estrada, sem destino, até que avistaram a menina. Ela estava andando na estrada de cascalho com uma sacola de compras, quando Willard a acertou na nuca com uma lata de cerveja.

– Você vai fazer isso? – perguntou Willard, com olhos vermelhos e vidrados.

Cobb hesitou.

– Não, deixo para você. A ideia foi sua.

Willard deu uma tragada no baseado, cuspiu e disse.

– A ideia não foi minha. Você é que é especialista em matar crioulo. Faça você.

Cobb desamarrou a corda do para-choque e a esticou outra vez. Pedacos da casca do galho, arrancados pela corda de náilon, caíram sobre a menina, que agora os observava atentamente. Ela tossiu.

De repente, ela ouviu um ruído – como o de um carro com o escapamento aberto. Os dois homens voltaram-se rapidamente e olharam para a rodovia de asfalto ao longe. Praguejando, agiram rapidamente, um fechando a porta de trás do carro, o outro correndo para ela. Tropeçou e caiu perto da menina. Trocando palavrões, eles a agarraram, tiraram a corda do seu pescoço, a arrastaram até o carro e a jogaram para dentro da parte traseira, aberta. Cobb a esbofeteou, ameaçando matá-la se não ficasse deitada no fundo do carro e quieta. Disse que a levaria para casa se obedecesse, do contrário, eles a matariam. Fecharam as portas e saíram velozmente pela estrada de terra. Ela estava voltando para casa. Desmaiou.

Cobb e Willard acenaram para o Firebird com a descarga aberta, quando cruzaram com ele na estrada estreita de terra. Willard virou para trás a fim de verificar se a menina estava deitada. Cobb entrou na estrada de asfalto e seguiu em frente.

– E agora? – perguntou Willard, nervoso.

– Não sei – respondeu Cobb, também nervoso. – Mas temos de fazer alguma coisa bem depressa, antes que ela suje de sangue todo o meu carro. Olhe para trás, tem sangue por todo lado.

Willard pensou por um minuto, enquanto terminava de tomar a cerveja.

– Vamos atirá-la de uma ponte – disse, orgulhoso. Grande ideia. Uma puta ideia mesmo. – Cobb freou de repente. – Me dá uma cerveja – ordenou.

Willard saiu do carro e apanhou as cervejas na parte de trás.

– Ela sujou de sangue até a caixa de isopor – informou ele, e o carro disparou outra vez na estrada.

GWEN HAILEY TEVE um pressentimento horrível. Normalmente ela teria mandado um dos meninos ao armazém, mas estavam de castigo, capinando o jardim, por ordem do pai. Tonya já havia ido sozinha antes ao armazém a dois quilômetros da sua casa sem nenhum problema. Porém, depois de duas horas, Gwen mandou que os meninos fossem procurar a irmã. Imaginaram que ela devia estar na casa dos Pounder, brincando com as crianças, ou talvez tivesse se aventurado além do armazém para visitar sua melhor amiga, Bessie Pierson.

O Sr. Bates do armazém disse que ela havia saído há uma hora. Jarvis, o irmão do meio, encontrou a sacola com os mantimentos ao lado da estrada.

Gwen telefonou para o marido na fábrica de papel, depois pôs Carl Lee Jr. no carro e começou a percorrer as estradas de terra em volta do armazém. Foi até um conjunto de casas velhas no Sítio Graham, para ver se ela estava na casa de uma das tias. Parou na loja Broadway a dois quilômetros do armazém e um grupo de negros velhos garantiu que não a tinham visto. Gwen percorreu uma vasta área de estradas de terra em volta da sua casa.

COBB NÃO CONSEGUIA encontrar uma ponte que não estivesse cheia de crioulos com varas de pescar. Em cada uma havia quatro ou cinco deles pescando, com grandes chapéus de palha, e mais alguns debaixo da ponte, sentados em baldes, também com chapéus de palha e caniços de pesca, imóveis, a não ser por um ocasional movimento para espantar os mosquitos.

Ele estava assustado. Willard, completamente bêbado, dormia e não podia ajudar em nada. Cobb tinha de se desfazer da menina de um modo que ela nunca pudesse contar o que tinha acontecido. Willard roncava enquanto ele percorria freneticamente as estradas de terra e de asfalto à procura de uma ponte ou uma rampa ao lado do rio, onde pudesse parar e atirá-la na água sem ser visto por uma dezena de crioulos com chapéus de palha. Olhou pelo retrovisor e viu que ela tentava ficar de pé. Pisou nos freios bruscamente e a

menina caiu no fundo do carro, bem debaixo da janela. Willard ri-cocheteou no painel e escorregou para o chão, onde continuou a roncar. Cobb xingou os dois.

O lago Chatulla não passava de um enorme buraco lamacento feito pelo homem, com uma represa coberta de mato de um quilômetro e meio de extensão numa das suas extremidades. Ficava no extremo sudoeste de Ford County, e adentrava alguns hectares de Van Buren County. Na primavera o lago era elevado à posição de maior massa d'água do Mississippi. Mas no fim do verão, terminadas as chuvas, o sol evaporava a água, secando quase que completamente o lago. As linhas das margens, antes ambiciosas, retraíam-se quase se juntando no centro, criando uma bacia profunda cheia de água marrom-avermelhada. Vários regatos, pântanos e riachos o alimentavam, vindos de todas as direções além de duas correntes que podiam ser chamadas de rios. A existência de todos esses afluentes era a causa da construção de várias pontes em volta do lago.

E era sobre essas pontes que a picape amarela voava, num esforço frenético de encontrar um lugar onde pudesse despejar a passageira indesejável. Cobb estava desesperado. Conhecia mais uma ponte, estreita e de madeira, sobre o Foggy Creek. Ao chegar lá, avistou mais crioulos e mais caniços. Seguiu por outra estrada de terra e parou. Abriu a porta de trás da caminhonete, arrastou a menina para fora e a jogou numa pequena ravina cercada de mato seco.

CARL LEE HAILEY não se apressou em voltar para casa. Gwen se as-sustava com facilidade e telefonava para a fábrica sempre que imaginava que uma das crianças fora raptada. Ele marcou o ponto na hora de sempre e, como sempre, fez em trinta minutos o percurso da fábrica até sua casa. Ficou preocupado quando viu o carro da polícia parado na frente da varanda. Os carros da família de Gwen estavam espalhados na frente da casa e no jardim e havia um que ele não reconheceu. Tinha varas de pescar saindo para fora das janelas e pelo menos sete chapéus de palha dentro.

Onde estavam Tonya e os meninos?

Quando abriu a porta, ouviu o choro de Gwen. À sua direita, na pequena sala de estar, viu um grupo de pessoas em volta de alguém deitado no sofá. A criança estava coberta com toalhas e rodeada pelos parentes que choravam. Quando Carl Lee chegou perto do sofá, o choro parou e todos recuaram. Só Gwen ficou acariciando o cabelo da filha. Ele ajoelhou ao lado do sofá e tocou o ombro da menina. Falou com Tonya e ela tentou sorrir. Seu rosto era uma massa informe e sangrenta, cheia de equimoses e lacerações. Os dois olhos estavam fechados e sangravam. Os olhos dele se encheram de lágrimas ao olhar para o corpo pequenino enrolado em toalha e sangrando dos tornozelos até a testa.

Carl Lee perguntou a Gwen o que tinha acontecido. Ela começou a tremer e a chorar alto e o irmão a levou para a cozinha. Carl Lee levantou-se e perguntou aos parentes o que tinha acontecido.

Silêncio.

Ele perguntou pela terceira vez. O policial, Willie Hastings, primo de Gwen, adiantou-se e contou que uns homens estavam pescando no Foggy Creek e viram Tonya deitada no meio da estrada. Ela disse o nome do pai e eles a levaram para casa.

Hastings calou-se e abaixou a cabeça.

Carl Lee olhou para ele e esperou, enquanto todos na sala continham a respiração e olharam para baixo.

– O que aconteceu, Willie? – gritou Carl Lee, olhando para o policial.

Hastings falou devagar e olhando para a janela repetiu o que Tonya havia contado para a mãe sobre os dois homens brancos e a picape, a corda e as árvores e como a machucaram quando a violentaram. Parou de falar ao ouvir a sirene da ambulância.

Todos saíram para a varanda e olharam solenemente para os homens que retiraram a maca da ambulância e se dirigiram até a casa.

Os paramédicos pararam no jardim quando a porta se abriu e Carl Lee apareceu com a filha nos braços. Sussurrava carinhosamente para ela e as lágrimas pingavam do seu queixo. Andou até a ambulância e entrou. Os paramédicos fecharam a porta e cuidadosamente a tiraram dos braços do pai.